

Rabiscos em grafite

Raphael Nery



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatória

Para todas flores, adubos, esterco, enxadas e mãos do jardim azul e do claro.

Agradecimentos

Meus agradecimentos à professora Jucilene Vieira, que me apresentou a beleza da poesia.

Sobre o autor

Raphael Martins Nery Aquino nasceu em Montes Claros - MG, em 2001. É um jovem católico que busca expressar seus sentimentos na escrita poética, com lágrimas, risos e dores nos rabiscos de grafite.

resumo

A ceiva vermelha

Na noite, ela veio

O homem que nasceu na pedra

Uma voz silenciosa no luar

Gotas no oceano vermelho

Arte de beija-flores

Árvore eucaristia

Tragédia Sertaneja

Cabelos encaracolados

Desconhecido apaixonado

Flor laranja amassada

Um brevíssimo segundo

A ceiva vermelha

A lembrança da floresta é boa. Não consigo esquecer a luta com os outros, só pela réstia de luz, subíamos tanto, o perigo de cair era iminente. Mas num vislumbre aqui estou, decapitado, desnudado e flagelado. Transformaram-me em bloco, em dois na verdade. Quanta escuridão nessa luta braçal de homens, eu fico caído à beira, esperando o "dia do levantamento", é assim que as outras árvores chamam. Quando cheguei já havia muitas por aqui, algumas contavam, rindo ou chorando, as atrocidades humanas que iam do corte à carbonização! Absurdo! Mãe me disse que nós oferecíamos respiração a esta gente, ela ouviu uma vez antes de ir, também... Percebo que estou aqui só cumprindo o destino. Ainda que tentasse fugir, como tentei, pro céu não havia saída, os pés continuavam soterrados. Não consigo entender por que não voamos que nem o Flu. Ele constituiu até uma família em meus galhos, gostei do tempo que passaram comigo, foi surpreendente ver os pequeninhos voarem também, mas eu continuei lá. E continuo aqui. Que destino avassalador! Que missão desgraçada de viver, oferecer e morrer. Que vocação de tornar-se entulho, móvel e carroça, que miséria!

Ainda posso fugir! Quem me dera receber abraço daquele operário... Ainda que para me desnudar mais. Eu vejo como ele trata as outras árvores por aqui, todas lhe fitam os olhos! Uma vez, por um rápido momento, até deixei de odiar os homens quando ele passou e me tocou, mas escolheu outra, levou a terceira da última fileira... Dizem que ela tornou-se cadeira ou mesa, algo assim, não sei bem o que é, mas deve ser bom, afinal, foi José quem fez. Ele continuou passando, dia após dia, e nunca me carregou. Aos poucos a terra foi tomando meu corpo e com o tempo todas as outras árvores foram levadas, na escuridão do canto em Belém os anos se passaram e com eles a percepção de vida que um dia existiu aqui. Numa tarde senti um forte impulso, acordei do sono com um grito de dor. Era um jovem caído, tropeçou em mim e quis descontar a burrice com uma machadinha que carregava. Gritei também, mas inaudível. Nada adiantava, anos naquele lugar me faziam lembrar constantemente do verde, do canto e da bagunça dos pássaros. Entrei em transe e durante o súbito de emoções fui levado a outra cidade, senti pelo balançar de trotes do cavalo na carroça. Eram homens revestidos de aço, cingidos de lâminas e panos, aquilo só poderia ser sonho! Mas não era, estava sendo liberto de Belém, aquele lugar vazio que eu vivia há anos, conhecendo só um metro quadrado. E José! Eu nunca mais veria José! Nem teria a oportunidade de ser flagelado em suas mãos, que destino desgraçado! Sei que este que me transportava não era alguém bom, os metais que portava não me traziam boas recordações, ainda que José também utilizasse, não me senti bem. Quando chegamos, o lugar dava ao céu! Pareciam árvores frondosas, mas marrons. Quando não responderam as minhas saudações percebi que eram construções, enormes construções. Alguns homens me olhavam amedrontados, nunca quis botar medo em ninguém, entretanto, de repente me senti poderoso, seria a companhia do humano de aço? Só recebi a resposta quando a carroça parou, a árvore dela nem falava mais, e começava o medo de me tornar aquilo também, um mudo ser!

Cheguei a um espelho vivo. Existiam inúmeras árvores com os mesmos cortes que eu. Estavam quietas esperando algo, parecia que tinham sido flageladas há anos. Tentei conversar com todas, calaram-se. Na noite, acordei com alguém me chamando, estranhei o fato mas lancei um seco: "Olá!"... ":-Você está me vendo" sussurrou. ":-Não estou, porque cochicha?" respondi com estranhamento. ":-Elas não podem nos ouvir, por isso não falei contigo durante o dia". "Porque não

podem ouvir?", exclamei em alta voz. "Shhhhhhhh", ele respondeu enquanto via se alguma acordara e revelou ":- Fiquei muito feliz quando você chegou, apesar de te achar muito pálido... Aqui não falamos muito, essas outras perderam as esperanças. Mas eu ainda creio, vou ter sentido!". Durante o diálogo, alguns pensamentos assolavam meu consciente. As vozes dos meus amigos, com o som da floresta, se juntavam e formavam um belo canto, por pouco não escutei a resposta do... ":- Qual o seu nome?" perguntei. "É Galf, prazer! E o seu?", ":-O meu é...", não sabia o que responder. Nunca pensei que tivesse que ter também um nome. Achei que somente os outros teriam. Acabei respondendo que era "José", embora com muito remorso. E fui sendo chamado de "Zé" noite após noite, por Galf no pátio. Certa vez uma das árvores acordou quando conversávamos, prometeu colocar-nos por cima dos outros. Dizia que seríamos pegos primeiro, esse era nosso castigo. Depois entendi que era o que Galf queria. Ele acabou sendo levado, e no abraço do homem de aço iam gotas ao chão, chorando lançava pela última vez seu olhar para mim. Foi um bom amigo. E mesmo sabendo que tinha me usado para alcançar seu objetivo, fiquei feliz, às vezes também consegui ser importante, ajudando alguém. Na tarde do dia seguinte também me levaram. Nunca pensei viver tão grande agonia, aquele monte de árvores nuas já fazia parte de mim. Eu não aguentaria mais ter que separar-me das novas raízes, sempre que nasciam alguém cortava. Foi uma saída impactante. Estendia os poucos galhos para as outras madeiras, sem nenhuma retribuindo o feito. Na caminhada, eu nos braços do homem de aço, percebi que eram vários e que se chamavam "soldados", um nome interessante que para usar, e deixar o bom José em paz, entretanto, de cabeça para baixo, não pensei em outra coisa a não ser o "meu novo destino". De repente, um tom avermelhado inundava o chão perto das sandálias do soldado. Na passagem pelos corredores, vi que saíam de perto do Galf, que agora estava no meio de um pátio sendo assistido por muitos homens. Estava acorrentado e preso a um outro homem nu. Que cena assustadora! Os de aço seguravam outros aços e ceifavam a coluna desse nu com ceiva vermelha. Se ele não estivesse gritando, sentiria que aquilo era um espetáculo, foram inúmeras cores, e no meio de tudo, Galf, extremamente aflito e feliz. Havia encontrado sentido. Todavia, não consegui entender tudo aquilo. Até duas mulheres choravam, uma mais nova e outra mais velha, com elas um jovem. Foi um absurdo, perdendo-os de vista não parava de pensar se aquele homem também fora cortado para transformar-se em bloco, ou móvel.

Em meio ao clímax, entendi que era o final. Havia uma porta grande, cercada de povos e soldados com tantos gritos que por pouco não entrei em transe novamente, lembrando da floresta. Reparei de novo algumas mulheres chorando, o que estava acontecendo? Olhavam para mim. Suas lágrimas escorreram ainda mais quando dois homens de aço pegaram meu corpo, partido em dois, e começaram a bater enfiando pregos, queriam que eu virasse um. Que ideia ótima! Entretanto, não era bom. A dor vinha a cada batida e as lágrimas

corriam nas bochechas das mulheres a cada centímetro do prego dentro. Por que choravam por mim? Havia eu, feito algo por elas? Mas inaudível, o barulho aumentou. A multidão saía do pátio e vinha em minha direção. Formaram uma fila dos dois lados, com espaço no meio, tão grande que não consegui percorrer o olhar até o final. Por último saiu aquele nu, agora com um aspecto horrendo, nem parecia mais homem, estava sendo empurrado e xingado pelos soldados. Quando se aproximou e me tocou senti uma paz extraordinária, seria José encostando seus dedos na minha pele recém flagelada? Eu reconheceria aquele toque! Sem sombra de dúvidas era único. Mas não era José. Chamavam ele de "Jesus", e quando me abraçou fui levado. Mas era diferente, senti um peso redobrado sobre minha madeira e ainda assim, levado com tanto carinho! Percebi que lhe causava sofrimento, tentei gritar para que ajudassem esse pobre homem, inaudível calei-me. Me levava decidido, mesmo acabrunhado pelas dores que só multiplicavam, era uma decisão forte. Caiu três vezes e parou constantemente para socorrer aquelas que viu chorar. Choravam por ele! Quem é este que me leva? Quem é este que me tem como missão? Quem é

este que ama os que arrancam sua ceiva. ":Jesus", uma mulher gritou e depois um outro homem veio me segurar também. Estava pálido e começando a sangrar, por meu peso.

Parecia que meu destino era só causar dor, ser entulho ou ocupar espaço. Pensando assim, o Jesus me abraçou, dizendo ":- Obrigado" soltou-me. Cai para trás, mas diferente de quando me jogavam. Sua ceiva vermelha misturou com minha pele pálida, que contraste ficou! Não entendi por que puxaram minha cabeça, até ver que aquilo tudo era o "dia do levantamento". Outras duas árvores do pátio também estavam lá, me encaravam com aflição. No olhar, o nu me abraçou de novo, deitou sobre minha pele e com ele sofri. Aqueles soldados pregavam o coitado em meu corpo! Havia um grito agonizante diferente a cada batida do martelo e no meu coração a dúvida da voz calada deste homem. Eu não conseguiria ser cortado de novo sem nada dizer, por isso grito, e ainda inaudível, gritei. Gritei a cada batida e com ele fui transpassado, se tornou um em mim! Quando nos levantaram vi o mundo. Era maior que Belém, que o pátio, que a multidão, era maior que tudo! Foi surreal ver. E o homem de ceiva vermelha via comigo, ele deitava o olhar por cada parte que conseguia. Havia algo que o impulsionava. Aquela imensidão tinha sentido, seria o motivo daquele silêncio? Deixei de existir. Foram horas no sofrimento, minha carne já era vermelha, ninguém conseguiria ver-me árvore depois de tudo aquilo, de supetão senti o ódio novamente, foi o homem arrancando de novo minhas raízes, dessa vez já acabara com todo meu ser. Eu ia gritar quando o nu disse algo. Ele apoiava o corpo nos pregos e dizia poucas palavras com uma força surpreendente. Foi direcionado à mulher do pátio, ela estava com o jovem, o Jesus disse a ela "Mulher, eis aí o teu filho" e ao jovem "João, eis aí a tua mãe", e deixei de sentir dor. Aquela cena, na minha frente, foi a prova da "sentido" que Galf procurava, o meu era estar ali. O homem justo emana um sentimento das ceivas vermelhas, perceber que ainda no sofrimento era capaz de importar-se, foi o essencial para que eu pudesse entender, tudo era amor. Bebeu algo numa esponja, tocou-me novamente com as costelas transpassadas e senti na sua forte pulsação que o fim estava próximo. Ele disse um ":-Está consumado", olhou para o céu, encostou os cabelos molhados na minha pele e disse ":-Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito".

Olhei também para ver este que chamava de "Pai", não vi, só gotas descendo, pessoas correndo, barulhos estridentes e eu novamente em transe. Quando acordei, este nu não pertencia mais a mim, haviam tirado-o, arrancaram mais uma raiz e calei-me, pois não tinha ido muito longe, estava nos braços da mulher chorosa. Sua mãe!

Eu não era mais o mesmo. Quando retornei, surpreendentemente todas as árvores falavam, perguntando como tinha sido, mas não respondi por três dias. Não consigo explicar bem, não saía nada, pensei o que vivi, cada instante, querendo talvez viver de novo. Depois falei, disse tudo e mais um pouco, se alegraram comigo, entretanto, não mais que eu; Alguém novo estava lá. Era a madeira que José havia pegado, a última da terceira fileira, o alegre estranhamento rompeu minha voz. Não falei por mais um dia. No outro consegui perguntar, ela disse ":- A casa havia sido saqueada, por alguns homens há quatro dias, e jogaram-me aqui", estava quebrada, mas não triste, era a mesma felicidade do Galf. E continuou ":- Foi muito bom ter ficado lá, é um lugar aconchegante e familiar, fui tratada como "ser"!". Eu nem sabia o significado dessa última palavra, mas sei que era boa, pois vinha de José. E por fim, dilacerou meu coração ":- Quando cheguei já havia um pequeno homem, eu o vi crescendo e moldando-nos que nem José. Fiquei triste quando soube que ele havia sido levado, mas lembrei do dia que José também me levou, espero que ele já tenha sido moldado! Era o Jesus.". Não conversei por mais 3 dias, e então gritei, rasgando-me e escrevendo essa história para que você partilhe comigo a alegria de ter sentido!

Na noite, ela veio

Ela veio. E a noite havia apenas começado. O luar ainda beirava as margens da lagoa, se quer chegava nas pedras, mas vinha. Tive uma sensação estranha, o sulfúrico queimando, agoniante reclusão ao falar. Quem disse que ela aproximaria, errou. Nem conheço seu cheiro. Mas, ainda sim, toco seus cabelos.

Ah... Na primeira vez foi extraordinário! Meu coração pulava entre os espaços da costela, apertava meu pulmão e beijava cada gotícula sanguínea. Sim, longe ela me teve. Entretanto, o dia ainda não chegara. Era um sonho, a noite escancarava as estrelas, na janela sua branca luz eu amava.

Ela também me ama, sei e não quero acordar. Mesmo que apodrecido o corpo exterior ficar. Afogando a razão num louco amor invisível, tendo-vos para sempre intransponível. Vocacionado eternamente ao decisivo. Entregando-me a ela, que veio.

O homem que nasceu na pedra

Um homem nasceu na pedra do rio
Era pequeno, falante e feio
Os animais não se assustaram
Pensaram ser um bicho qualquer
Todavia, cada palavra era um pranto
A novidade ia além da estatura
Não falava sem chorar
Chorando saudava e soluçando despedia
Meu pai levou-o para a lavoura
Percebi que estendia os braços para a pedra
Não tinha nenhuma experiência com o campo
Ao menos molhava com lágrimas o chão plantado
Procedendo assim, cortou o próprio dedo com a enxada
E ao invés de chorar, gargalhou a tarde inteira
Alguns diziam se tratar de um demônio
Outros de alguma nova raça de cachorro
Eu via alguém desconcertado
Consciente das glórias do riso
Sempre se mutilava
Cortando cada parte de si
Em meio a uma sinfonia de sorriso
Como quem ganhou o mundo
Todavia, o sorriso teve que ser impedido
Por pouco não enfiava uma faca no peito
Parece que buscava a alegria num dia difícil
Assim, esteve trancado na sala três
Até o terceiro mês, depois da quinta colheita
Eu não conseguia dormir
O choro alcançava vários tons durante a noite
O "mi" reavivava o imaturo medo do escuro
O "do" ecoava o ronco do meu pai
E todas as outras notas chamavam as pedras
Que no rio estavam mudas, me atrapalhando dormir

Certa manhã, o homem parou de chorar
Cochilei por três horas e depois fui vê-lo
Estava parado no canto da sala
Virado para a parede
Como quem cumpre pena
Ele roía o dedo
Mas sem rir, em silêncio
Segurei suas mãos
Ainda sim, ficou imóvel
Sem rir, aparentou morto
Sem chorar, vivo
Meu pai resolveu trancá-lo na sala mais escura
Já que não havia sido reeducado
Mas piorado e estagnado
Eu coloquei o homem no bolso e sai
Levei de novo ao rio
Coloquei seu corpo pequeno na pedra
E assim ele moveu os olhos
Lançando-os aos meus
Uma lágrima escorreu no olho direito
Passando no nariz para a boca
Mas sem expressão de pranto
Era um sentimento novo
Mistura de alegria com dor
Na verdade um agradecimento
Pois voltou ao lugar que quis brotar
E por eu ter sido o único que escutei
Ainda que o silêncio dos seus gritos
Fosse semelhante ao silêncio das pedras do rio

Uma voz silenciosa no luar

Certa vez, João foi pescar no lago torto
Foram horas tentando
A raiva subia enquanto os peixes desciam
Poderia largar aquele emprego
Mas não, ainda aguardava pescar

Anoiteceu e no primeiro canto das corujas
Algo surgiu nas águas
Eram os peixes chegando
João finalmente pescaria!
Que homem de sorte!

Entretanto, todas aquelas belezuras não vinham morder a isca
Esperavam outra coisa, no céu, entre as árvores do horizonte
O pescador fracassado ficou assustado!
Peixes vivos fora d'água?
Sonho! Por favor, que seja um sonho!

Desejando assim, ela surgiu
Diversos raios beijavam as folhas das árvores
Como se quisesse abrir caminho
E chegava nas águas
Atingindo em flechas cada peixe
Não morriam, antes reviviam

João sentia um calor nos pés
Ele nunca tinha experimentado aquilo
Se quer saia de casa
No máximo ia ao bar, vender os poucos peixes
Dormia cedo e evitava qualquer contato humano

Ela surgia ainda mais

Tinha um aspecto glorioso
Luz semelhante ao sol
Mas com a bondosa diferença
De não matar ao olhar

Só podia ser divina
Aquilo, que o deixava admirado
E os peixes, apaixonados

Depois de algumas horas
João percebeu que a grande donzela se movia
E já começava se esconder nas árvores do outro lado
E se nunca mais a visse?
Sem lembrar de pescar, corria

Corria rápido sem atenção no chão
Tropeçando nas raízes de cada árvore
Pisando em seu próprio pé
Fugindo da pescaria ou procurando alguém que fugia

E ela o viu correndo
Mas mesmo assim também corria
Parece que não se importava com o coitado
Ambos se olhando e fugindo
Como a escuridão foge da luz

João estava muito longe quando parou
Demoraria dias para voltar ao lago torto
Então soluçou um pranto feio
Parecendo bebê esfomeado
Chorou tanto que nem percebeu o tempo passar
Novamente era noite, e a donzela o encarava

Quando criou coragem, declamou a beleza daquele luar!
Sei que ela ficou emocionada
Nem apareceu por inteira, acredito que por vergonha

Ainda com tudo aquilo, a donzela insistia em ir embora
O canto, grito ou choro de João não eram suficientes
Talvez fosse necessário algo maior, que fizesse-o visto por ela

Mas nem as coisas maiores adiantavam...
O miserável faltava perder a vida por ela
E assim, desistiu de tentar

A lua, ao contrário, o ama
E todos os dias espera João no lago torto
Confiante de que algum dia
O miserável pescador compreenderá
Sua diferente forma de dizer "amar"
Uma voz silenciosa no luar

Gotas no oceano vermelho

Gotas caíram no oceano vermelho
Nada mudou no limite das águas...
Entretanto, elas aumentam aos poucos
Prevejo naufrágio!

Os pescadores continuam derramando
E percebem que estão afundando
Mistura de sangue e ódio
Ignorância e ópio

Durante a viagem, um buque caiu das mãos de uma donzela
Extraordinária cena
O amor com a desgraça
Choro da senhorita e labor das rosas
Quem resgatará o amor?

Um moço até aventurou mergulhar
Mas o vermelho crescia
E ele empalidecia

Uma cor lhe possuía

Voltou diferente
A mar lavou seu ópio
Ficou negro, com cabelos molhados
Derramaram seu sangue no barco
E gotas caíram no oceano vermelho
Nada mudou no limite das águas...

Arte de beija-flores

Escrevendo na beira do pé de laranjeira
Perto do bebedouro de beija-flores
Algumas gotas caíam e molhavam os papéis
Borravam os grafites e estrangulavam o texto

Ainda sim, eu continuava escrevendo
Entre uma bagunça de cores
Arco-íris monocromático

Entretanto, por pouco não saí da beira
Parecia brincadeira
Ao invés de laranjas
Todos os dias, águas nos papéis

Por fim, resolvi aceitar a vocação
Abandonando minha parte
Recebendo a libação
Sendo dos beija-flores
Um passivo quadro de arte

Árvore eucaristia

Alguém plantou uma eucaristia no campo
Cresceu árvore frondosa
Seiva branca virginal
Frutos suculentos
Folhas macias e sombra pastosa

Fui abrigar-me nos seus pés durante a chuva
O dono do campo me expulsou com chibatadas
Era o curral dos seus cavalos
Cocho dos bezerros e gozo do ego

Ainda sim, continuei visitando-a nas noites
Roubando seus frutos e matando minha fome
Delícia era deitar naqueles galhos
Reclinar a cabeça em seu peito
Experimentar a paz

Mas o caule secou
O sol queimou as folhas
Expremeu os frutos
Findou a sombra
Como que morta, entortou-se

Vi de longe o pranto do dono
Seus cavalos enlouquecidos
Bezerros desesperados e seu ego acabado
Era o fim de uma vida boa

Todavia, da morta recebi uma herança
Restava o último fruto no meu bolso esquerdo
De brilho indescritível, maciez perene
Emanava vida na minha fome

O fruto disse algo
Os ouvidos não entenderam
Meu coração sim
Mesmo sendo noite, entendi a missão
Resolvi deixá-lo secretamente na porta do dono

De manhã desistiu de morrer
E faminto, plantou a nova eucaristia

Continuo visitando-a
Roubando seus frutos
Matando minha fome
Até que seque novamente
E outra vez o último fruto diga:
"Seja eucaristia!"

Tragédia Sertaneja

Seu Rômulo deixou o café pela metade
O cheiro ainda estava quente
E o odor forte de madeira queimada saía pela janela à esquerda
De mão esticada e olhos na revista agropecuária, abandonava a xícara branca na janela
Entretanto, não ficou apoiada, outra mão recebia
Áspera e mais quente que a bebida
O fazendeiro virou a face e encarou uma pele alaranjada
Contrastava com a tarde salgada
Pedi para entrar, Rômulo recusou sem respirar
Só tirando a mão da xícara que inalou novamente
Enquanto um vermelho subia aos olhos e inundava o rosto gordo
Ameaçado, gritou a família
A família não vinha
Gritou os empregados
Os empregados menos ainda
Subitamente o coração quis sair do peito
Dor insuportável, dedos apertados e cabelos puxados
O ar findava e Rômulo tonteava
Não conseguiu segurar na cadeira
Pegou o vento e foi com ele ao chão perto da porta
Outra vez gritou, e suado acordou
Um pesadelo insuportável
Tal como o cheiro quente, odor de madeira queimada
do seu calção urinado

Cabelos encaracolados

Exausto, cheguei em casa
Haviam muitos fios de cabelo no sofá
Toquei numa mecha encaracolada e gordurosa
Inseparável e inquebrável

Sonho ou perigo em caracol
A casa estava trancada com correntes, chaves e cães
Ainda sim, longos cabelos também pelos cômodos
Visita ou arrombamento
Mostro, gente ou bicho

Nada de barulhos ou sinais
Vi somente cabelos encaracolados
Amarrando tudo, boçais
Uma imundície
Tornando-se acomodados
Extraordinária bizarrice!

Desconhecido apaixonado

Servi a donzela no jantar
Ela tinha lábios avermelhados como pétalas de rosa
Uma cor de sangue que hipnotizava
A cada palavra um novo cheiro de vinho
Fale mais, bela senhora!
Estarei na janela admirando teus lábios
Dignos morangos divinos
Todavia, os talheres roubavam minha paixão
Tiravam a cor dos belos lábios
Malditos enferrujados!
Na cozinha, pude tocar na cor
Há pouco estava na boca macia
Dos lábios aveludados e salivas dignas
Também nas marcas de sangue no prato
Marcas de amor nos meus dedos
Amando-a, beijei seu batom
Só assim para tê-la
Mesmo que vassalo
Sendo um desconhecido apaixonado

Flor laranja amassada

Pétalas alaranjadas vieram pela janela
Um transporte assustador
Enquanto entregava a encomenda
Chacoalhava as portas
Trincava os vidros
Levava o telhado

Gloriosa e destruidora vinda
Uma flor aos pedaços

Findando o alvoroço
Debruçou-se no sofá
Logo toquei na cor
Perdia o brilho
Clamava auxílio

E eu, destruído, socorri a flor
Amassada, mastigada
Tão leve por tornar-se quase um nada

Gritava cores alaranjadas
Minha roupa manchava setas
Que apontavam à leste
Policromático e destruído, deixei que me manchassem
Socorrendo as outras amassadas, mastigadas

Um brevíssimo segundo

Num sopro viveu
Vacilante respiração
No mesmo ar cresceu
Vindo, gastando-se

Um segundo depois
Lágrimas, risos e bebidas
Perdão, penitência, recaída
Ainda, no mesmo sopro
Doença, clamor, fogo

No mesmo ar, inexistência
O vivido agora sem sentido
Ao findar da única expiração
No cutelo da morte
Contemplar o sopro que um dia veio